

TRABALHADORES DOMÉSTICOS: QUALIDADE DE VIDA E PERCEPÇÕES SOBRE SEU TRABALHO E SUA SAÚDE

Recebido em: 09/08/2024

Aceito em: 18/07/2025

DOI: 10.25110/arqsaude.v29i2.2025-11508



Letícia de Almeida ¹
Simone Rodrigues Milani ²
Marcos Aurelio Brambilla ³
Lucas França Garcia ⁴
Ely Mitie Massuda ⁵

RESUMO: Introdução: O trabalho doméstico no Brasil, embora tenha direitos legalmente reconhecidos e seja imprescindível para a organização social, continua como uma categoria laboral negligenciada. Sua invisibilidade afeta a qualidade de vida e saúde dos trabalhadores. Objetivo: Analisar a qualidade de vida de empregados domésticos e a percepção sobre a saúde e sua atividade laboral. Metodologia: Estudo transversal, de natureza quantitativa e qualitativa. Os instrumentos utilizados para avaliação foram: Questionário de Qualidade de Vida no Trabalho, versão abreviada (QWLQ-bref), questionário sociodemográfico e um questionário aberto para entrevistas online. Os dados foram analisados por meio do Microsoft Excel, correlação de Spearman e análise de conteúdo de Bardin. Resultados: 111 participantes responderam ao questionário online, sendo 97,3% do sexo feminino, com idade média de 39,82 anos; 43,2% pardos(as) e 38,7% brancos. A faixa de renda média de 41% foi entre 501-1000 reais mensais. 62% dos participantes eram diaristas, trabalhando de modo informal (45,9%) e sem contribuir para o INSS (62,2%). A análise do QWLQ-bref mostrou que 59% estavam muito satisfeitos e que a escolaridade tem uma correlação moderada e significativa com a qualidade de vida no trabalho. Apenas nove participaram das entrevistas, sendo oito diaristas e uma mensalista, responsáveis pela limpeza dos locais de trabalho. Conclusão: O trabalho doméstico é predominantemente desempenhado por mulheres negras ou pardas e de baixa escolaridade. Apesar da informalização e precariedade, a maioria se sente muito satisfeita com o trabalho exercido. No entanto, baixas pontuações foram encontradas no domínio físico/saúde.

PALAVRAS-CHAVE: Emprego doméstico; Promoção da saúde; Vulnerabilidade.

¹ Acadêmica do Curso de Medicina, UNICESUMAR

E-mail: almeidadeleticia@gmail.com, ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-4089-1828>

² Enfermeira. Mestre em Promoção da Saúde, UNICESUMAR. Doutoranda em Promoção da Saúde, UNICESUMAR

E-mail: milsimone@gmail.com, ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9793-3007>

³ Economista. Doutor em Economia, UEM. Professor do PPG em Gestão do Conhecimento nas Organizações, UNICESUMAR. Bolsista de Produtividade em Pesquisa, ICETI-UNICESUMAR.

E-mail: marcos.brambilla@unicesumar.edu.br, ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1111-9424>

⁴ Cientista Social e Bioeticista. Doutor em Medicina: Ciências Médicas, UFRGS. Professor do PPG em Promoção da Saúde, UNICESUMAR. Bolsista de Produtividade em Pesquisa, ICETI-UNICESUMAR.

E-mail: lucasfgarcia@gmail.com, ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5815-6150>

⁵ Economista. Doutora em História Econômica, USP. Professora do PPG em Gestão do Conhecimento nas Organizações e do PPG em Promoção da Saúde, UNICESUMAR.

E-mail: elymitie.m@gmail.com, ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7485-5066>

DOMESTIC WORKERS: QUALITY OF LIFE AND PERCEPTIONS ABOUT THEIR WORK AND HEALTH

ABSTRACT: Introduction: Domestic work in Brazil, although legally recognized and essential for social organization, remains a neglected labor category. Its invisibility affects the quality of life and health of workers. Objective: To analyze the quality of life of domestic workers and their perception of health and work activity. Methodology: A cross-sectional study, both quantitative and qualitative in nature. The instruments used for assessment were: Quality of Work Life Questionnaire, abbreviated version (QWLQ-bref), sociodemographic questionnaire, and an open-ended questionnaire for online interviews. Data were analyzed using Microsoft Excel, Spearman correlation, and Bardin content analysis. Results: 111 participants responded to the online questionnaire, 97.3% of whom were female, with an average age of 39.82 years; 43.2% were mixed-race and 38.7% white. The average income range for 41% of them was between 501-1000 reais per month. 62% of the participants were day laborers, working informally (45.9%) and not contributing to social security (62.2%). The QWLQ-bref analysis showed that 59% of participants were very satisfied, and education had a moderate and significant correlation with work life quality. Only nine participated in the interviews, eight of whom were day laborers and one was a monthly worker, responsible for cleaning workplaces. Conclusion: Domestic work is predominantly performed by black or mixed-race women with low education levels. Despite the informal and precarious nature of the work, most are very satisfied with their jobs. However, low scores were found in the physical/health domain.

KEYWORDS: Domestic employment; Health promotion; Vulnerability.

TRABAJADORES DOMÉSTICOS: CALIDAD DE VIDA Y PERCEPCIONES SOBRE SU TRABAJO Y SALUD

RESUMEN: Introducción: El trabajo doméstico en Brasil, aunque reconocido legalmente y esencial para la organización social, sigue siendo una categoría laboral negligenciada. Su invisibilidad afecta la calidad de vida y la salud de los trabajadores. Objetivo: Analizar la calidad de vida de los trabajadores domésticos y su percepción sobre la salud y su actividad laboral. Metodología: Estudio transversal, de naturaleza cuantitativa y cualitativa. Los instrumentos utilizados para la evaluación fueron: Cuestionario de Calidad de Vida Laboral, versión abreviada (QWLQ-bref), cuestionario sociodemográfico y un cuestionario abierto para entrevistas en línea. Los datos fueron analizados utilizando Microsoft Excel, correlación de Spearman y análisis de contenido de Bardin. Resultados: 111 participantes respondieron al cuestionario en línea, de los cuales el 97.3% eran mujeres, con una edad media de 39.82 años; el 43.2% eran mestizos y el 38.7% blancos. El rango de ingresos promedio para el 41% de ellos fue entre 501-1000 reales por mes. El 62% de los participantes eran trabajadores diarios, trabajando de manera informal (45.9%) y sin contribuir a la seguridad social (62.2%). El análisis del QWLQ-bref mostró que el 59% de los participantes estaban muy satisfechos, y la educación tenía una correlación moderada y significativa con la calidad de vida laboral. Solo nueve participaron en las entrevistas, de los cuales ocho eran trabajadores diarios y uno era un trabajador mensual, responsables de la limpieza de los lugares de trabajo. Conclusión: El trabajo doméstico es realizado predominantemente por mujeres negras o mestizas con bajos niveles de educación. A pesar de la informalidad y precariedad, la

mayoría se siente muy satisfecha con su trabajo. Sin embargo, se encontraron bajas puntuaciones en el dominio físico/salud.

PALABRAS CLAVE: Empleo doméstico; Promoción de la salud; Vulnerabilidad.

1. INTRODUÇÃO

Historicamente, a atividade de cuidado, é reconhecida como uma das mais antigas da humanidade (Camarano e Pinheiro, 2023). Segundo Addait *et al.* (2019), essa atividade é fundamental para assegurar o bem-estar e o funcionamento da sociedade, podendo ser dividida em trabalho direto e indireto, abrangendo desde o atendimento às necessidades físicas e afetivas, até as tarefas domésticas.

Globalmente, a economia do cuidado tem se intensificado ao longo dos anos, fenômeno que se deve tanto ao envelhecimento da população quanto à atuação da mulher no mercado de trabalho e à proporção de famílias monoparentais (Posthuma, 2021; Addait *et al.*, 2019). Considerando o aumento da demanda por cuidado, há um “déficit de cuidado”, especialmente na América Latina (Addait *et al.*, 2019; Camarano e Pinheiro, 2023).

Em países do hemisfério Norte, esse *déficit* é amenizado pela mercantilização do trabalho doméstico. Na América Latina o cuidado ainda é tradicionalmente atribuído às mulheres da família e sem remuneração. Quando esse trabalho passa a ser remunerado, recorre-se aos trabalhadores domésticos, os quais ainda carecem de reconhecimento e de condições adequadas de trabalho (Posthuma, 2021; Addait *et al.*, 2019).

No Brasil, o intensivo uso do emprego doméstico em lares de classe média/alta é um traço cultural marcante da sociedade e representa uma herança do período escravocrata e do patriarcado, associada a extrema concentração de renda (Guerra *et al.*, 2020). A desigualdade da distribuição de renda, favorece o cenário em que um trabalhador assalariado se serve de seu salário para remunerar outro assalariado, o empregado doméstico (Pinheiro; Tokarski; Posthuma, 2021).

O trabalho doméstico remunerado corresponde ao trabalho executado pelas pessoas em que há pagamento, em benefícios ou dinheiro (IBGE, 2019). Essa categoria inclui, babás, cuidadores, diaristas, mensalistas, jardineiros e motoristas, responsáveis por cuidar do domicílio ou da família do empregador. Em 2019, havia no Brasil, 6 milhões de pessoas empregadas nesse setor, sendo predominantemente mulheres (92%), negras (65%), sem carteira assinada (75%), com idade média de 44 anos, e 52,4% eram chefes de família. Este trabalho é uma alternativa ocupacional para mulheres de baixa renda e

com menores níveis de escolaridade que necessitam de alguma fonte de renda (Pinheiro *et al.*, 2021).

A formalização do trabalho doméstico teve avanços, mas retrocessos foram observados com a Lei Complementar Nº 150/2015, contribuindo para uma diminuição na taxa de formalização (Pinheiro *et al.*, 2021).

O isolamento, a desinformação, a falta de tempo e dinheiro, juntamente com as horas de descanso limitadas e o constante medo de perder o emprego, impactam a saúde dos trabalhadores domésticos, apesar das garantias teoricamente asseguradas (Porto, 2008, p. 295). Dessa forma, o objetivo da presente pesquisa foi analisar a qualidade de vida no trabalho de empregados domésticos e percepção sobre sua saúde e sua atividade laboral.

2. MATERIAIS E MÉTODOS

Trata-se de um estudo transversal, de abordagem qualitativa e quantitativa e exploratória. A coleta de dados ocorreu por meio de questionário no Google Forms, de abrangência nacional, no período de novembro de 2022 a fevereiro de 2023, com aprovação do Comitê de Ética da UNICESUMAR sob o parecer 5.646.519.

2.1 Instrumentos e procedimentos da coleta de dados

A pesquisa foi realizada por meio do questionário de Qualidade de Vida no Trabalho abreviado (QWLQ-bref) e um questionário sociodemográfico, onde foram enviados em grupos online relacionados a trabalho doméstico no Facebook, tais como: “Diaristas/faxineiras”, “Procuro trabalho de faxineira”, “Grupo empregadas domésticas”, “Grupo Domésticas e faxineiras e babás”, Grupo de Diaristas”, “Diaristas ajudando diaristas”, “Sindicato das empregadas domésticas”, “Faxinas e trabalhos domésticos em geral”.

As entrevistas foram realizadas presencialmente ou por meio de videochamadas do Google Meet, e contou com um questionário aberto referente à rotina de trabalho.

2.2 Análise dos dados

A análise da pontuação obtida no QWLQ-bref foi realizada de acordo com a escala de classificação do instrumento e os resultados entre 0 e 22,5 foram considerados como

“muito insatisfatório”; entre 22,5 e 45 como “insatisfatório”; entre 55 e 77,5 como neutros e maiores que 77,5 como “muito satisfatórios” (Cheremeta, 2011).

A pesquisa contou com a adesão de 111 participantes. Os dados dos questionários foram descritos por meio de tabelas de frequência simples a partir de uma base de dados do Microsoft Excel para Windows. A associação do QWLQ-bref com as variáveis de idade, escolaridade e renda para os trabalhadores domésticos foi realizada por meio da correlação de Spearman.

Nove trabalhadoras domésticas, maiores de 18 anos, selecionadas por meio da técnica não probabilística Bola de Neve (Sampieri; Collado; Lucio, 2011) participaram individualmente das entrevistas, que foram gravadas e transcritas na íntegra e posteriormente submetidas a análise de conteúdo de Bardin (2016).

Os nomes, quando citados, foram substituídos por outros fictícios a fim de garantir a confidencialidade dos participantes. As entrevistas foram realizadas no mês de dezembro de 2022 e fevereiro de 2023 e tiveram duração média de 20 minutos.

3. RESULTADOS

3.1 Caracterização sociodemográfica e Qualidade de vida no trabalho

A maioria dos participantes foi do estado de São Paulo, com 50,45%, seguido pelo Paraná (18,02%), Rio de Janeiro (7,21%) e Ceará (2,7%). Entretanto, 6% dos participantes não responderam a essa questão.

De acordo com Tabela 1, entre os 111 participantes 97,3% eram do sexo feminino e 64% deles se declararam chefes de família. A idade média foi de 39,82 anos; 43,2% se declararam pardos(as) e 38,7%, brancos; 45,09% eram solteiros(as); 82% responderam ter filhos; 64% não possuíam casa própria e 30% moravam com três pessoas na casa. A faixa de renda média de 41% deles foi entre 501 a 1000 reais mensais. Em relação à idade, nota-se que a faixa etária predominante neste estudo foi de 30 a 49 anos, com idade média de 39,82 anos. Entre as participantes do sexo feminino, idade média 40,02 anos. Entre os participantes do sexo masculino, idade média foi de 25 anos. Verificou-se que 61,1% relataram ensino fundamental incompleto, fundamental completo ou ensino médio incompleto. Entre os participantes, 27,9% possuem ensino médio completo, 7,25% ensino superior incompleto e 4,5% ensino superior completo. A subdivisão do trabalho doméstico (mensalista e diarista) expressou que a maioria dos participantes são diaristas

(62%), que trabalham de modo informal (45,9%) e que não contribuem com o INSS (62,2%). Microempreendedores individuais constituíam 11% do total de participantes (tabela 1).

Tabela 1: Caracterização sociodemográfica

Variáveis	Frequência	
	n	%
Sexo	Feminino	108 97,30%
	Masculino	3 2,70%
Faixa Etária	Menos que 18 anos	3 2,70%
	18-29 anos	21 18,92%
	30-39 anos	29 26,13%
	40-49 anos	29 26,13%
	50-59 anos	23 20,72%
	60 anos ou +	5 4,50%
	Não respondeu	1 0,90%
Escolaridade	Fundamental incompleto	23 20,72%
	Fundamental completo	15 13,51%
	Médio incompleto	29 26,13%
	Médio completo	31 27,93%
	Superior incompleto	8 7,21%
	Superior completo	5 4,50%
Etnia	Amarela	3 2,70%
	Branca	43 38,74%
	Indígena	1 0,90%
	Parda	48 43,24%
	Preta	16 14,41%
Renda Familiar	até 500 reais	4 3,60%
	de 501-1000 reais	45 40,54%
	de 1001 a 2000 reais	34 30,63%
	de 2001 a 4000 reais	19 17,12%
	4001 reais ou mais	9 8,11%
Estado Civil	Solteiro	51 45,95%
	Casado	39 35,14%
	Divorciado	11 9,91%
	União Estável	5 4,50%
	Viuvo	5 4,50%
Número de Filho		

Casa Própria	Nenhum	20	18,02%
	Um	17	15,32%
	Dois	37	33,33%
	Três	23	20,72%
	Quatro ou mais	14	12,61%
Número de Pessoas que residem na casa	Sim	40	36,04%
	Não	71	63,96%
	Uma	12	10,81%
	Duas	28	25,23%
	Três	33	29,73%
Chefe de Família	Quatro	23	20,72%
	Cinco ou mais	15	13,51%
	Sim	71	63,96%
	Não	40	36,04%
	Informal	73	65,77%
Vínculo Empregatício	MEI	12	10,81%
	CLT	26	23,42%
	Sim	42	37,84%
	Não	69	62,16%
	Contribuição com INSS		

A análise da qualidade de vida no trabalho, mostrou que 59% dos participantes estavam muito satisfeitos, contra 33% neutras, 8% insatisfeitas. A correlação das variáveis idade, escolaridade e renda com o escore do QWLQ-bref apresentou que apenas a escolaridade tem uma correlação moderada e significativa com a qualidade de vida no trabalho (coeficiente de Spearman de -0,209 e p-valor de 0,027) (Tabela 2).

Tabela 2: Correlação do QWLQ com as variáveis de idade, escolaridade e renda para os trabalhadores domésticos, Maringá, 2022.

Variáveis	Coefficiente de Spearman	P-valor
<i>Trabalhadores domésticos</i>		
IDADE x QWLQ	-0,051	0,595
ESCOL x QWLQ	-0,209	0,027
REND x QWLQ	-0,057	0,552
<i>Mensalistas</i>		
REND x QWLQ	0,047	0,769

Fonte: Elaborado pelos autores com base nos resultados da pesquisa.

3.2 Análise de Conteúdo

Entre as entrevistadas, uma delas era mensalista enquanto oito trabalhavam como diaristas. A partir da análise de conteúdo de Bardin, emergiram três categorias temáticas centrais: rotina de trabalho, saúde e vínculo empregatício.

3.2.1 Rotina de trabalho

A rotina do serviço doméstico abrange múltiplas obrigações. Nesse sentido, surgiram três unidades de significado: função, locomoção e alimentação. Em relação as funções relatadas, as mais frequentes foram voltadas à limpeza dos banheiros, quartos, cozinha, calçadas, janelas, lavar e passar roupas, ainda que nem todas executassem todas essas funções na mesma casa. Algumas relataram fazer atividades voltadas ao cuidador de idoso ou de crianças como dar banho, levá-los ao parque, além de ir ao mercado e/ou padaria.

Faço o café, acordo a Dona Margarida e ela levanta para tomarmos o café da manhã. Às vezes, ela me manda mensagem pra eu já passar e comprar pão na padaria no meu caminho de vir até a casa dela, depois ela me paga. Aí já lavo a louça, depois a roupa e os banheiros. Depois limpo os quartos e cômodos. Tiro o pó dos móveis, arrumo a cama, troco o lençol uma vez por semana, passo pano no chão, guardo as roupas. Não preciso fazer almoço, porque a Dona Margarida faz. Depois do almoço, limpo a cozinha, lavo louça, limpo fogão, armários e quando tá tudo limpo vou lavar a calçada e por último passar roupa. Às vezes, quando ela tá precisando de alguma coisa do mercado, eu vou buscar pra ela. Quando acabou tudo, ajudo ela no banho e vou embora. Às vezes tem a janela pra lavar também [...] eu não preciso cuidar da Dona Margarida, mas os dias que eu tô aqui eu fico com ela no banheiro pra tomar banho porque tenho medo dela cair. (Diarista 2)

À tarde é mais agitada porque tem que organizar a casa, lavar a louça e roupa, cuidar da criança mais nova, a mais velha vai para a escolinha. Não tenho muito uma rotina porque tenho que atender as necessidades da criança. Quando dá uma folga, eu saio com elas, porque onde elas moram tem parque. (Mensalista)

Nota-se algumas diferenças entre o trabalho da mensalista e das diaristas. A primeira, descreveu exercer atividades gerais no cuidado da casa, incluindo a limpeza, preparo refeições e cuidado das crianças. Entretanto, elas não são responsáveis por faxinar nem lavar e passar roupas, tarefas estas realizadas pelas diaristas.

Eu entro às oito, preparo o café e a mesa, cuido das crianças e já mexo com o almoço. Se chego um pouquinho atrasada eles (os patrões) já começam a fazer o café e eu termino[...] O dia que a diarista vai, ela vai uma vez por semana pra fazer faxina mesmo, tento reservar um tempinho pra ajudar, porque senão ela não dá conta. Tem uma pessoa que passa roupa uma vez por semana também, mas ela só passa a roupa, então eu que guardo a roupa[...] não preciso lavar a calçada, a diarista faz isso e nem cuidar do jardim, tem jardineiro para isso. (Mensalista)

Entre as diaristas, a atividade mais relatada foi a faxina da casa, no entanto, nem todas lavavam e passavam as roupas e cozinhavam, sendo que estas atividades eram realizadas somente quando contratadas para a isso.

Minha função é limpar banheiro, lavar janela, limpar chão, procuro fazer o que é serviço de diarista, mas nada impede que se a dona da casa queira que passe ou lave roupa, depende de como a gente negocia, mas seria um serviço extra. A diária é mais aquele serviço bruto, só o limpar da casa cozinhar, lavar calçada e janela. Extra seria passar a roupa, fazer uma comida. Tem aquele cliente que pela falta de tempo que ela tem, às vezes gosta que eu faço uma comida, às vezes faço aquelas marmitinhas sabe, que entra como extra também[...]minha diária é das oito às cinco da tarde. (Diarista 8)

Ao serem questionadas sobre o meio de locomoção até o trabalho, duas entrevistadas mencionaram usar bicicleta como meio de transporte, cinco optaram pelo ônibus, uma utilizava carro e outra moto. Algumas delas relataram que em determinados dias seus esposos as levam ou as buscam, devido à distância que não justifica o uso do ônibus. A mensalista era a única a receber vale transporte. Ela também mencionou que seus empregadores providenciavam um Uber diariamente para que ela pudesse retornar para casa, permitindo-lhe passar mais tempo com a família.

Eu vou de circular pela manhã. Tenho que pegar duas circulares para conseguir chegar, porque onde eles moram é meio complicado pra chegar. Fica em torno de uma hora e meia no trajeto e eu tenho o vale-transporte. Mas para voltar eles me pagam o Uber[...] pra poder chegar mais cedo em casa, ficar mais tempo com a minha família, nesse sentido [...]. (Mensalista)

Vou de ônibus, circular. Depende do local, uma hora a uma hora e meia; volto de ônibus. Não tenho vale transporte, está incluso no valor que eu cobro. (Diarista 7)

A alimentação apresentou algumas variações entre as entrevistadas e de acordo com a casa em que trabalhavam.

Depende do cliente, tem cliente que fornece, tem cliente que eu levo. Quando eles oferecem, é porque conta deles, eles que fazem, que já entra no direito da diarista. Alguns lugares como junto, outros não, depende da casa, alguns nem vão pra casa comer. (Diarista 8)

Levo as refeições, fruta e pão, uma banana que é mais rápido, não como com eles, eu nem paro para comer. (Diarista 5)

Eles fornecem e, aliás, me dão bastante liberdade para isso. Tudo que eles comem, eu também posso comer[...] como na mesma mesa que eles, mas não no mesmo horário, mas isso é uma escolha minha. Porque geralmente quando eles estão almoçando, eu procuro esse momento pra fazer outras coisas, mas eles me chamam pra comer junto[...] já é um hábito, eu sempre almoço quase uma hora da tarde, que é a hora que ela está saindo pra levar a menina na escola e eu fico só com o X3. Então é o horário que eu prefiro comer, pra comer mais tranquilamente. (Mensalista)

3.2.2 Saúde

Questionou-se sobre a saúde das entrevistadas para identificar os problemas de saúde mais frequentes entre as trabalhadoras domésticas. Nessa categoria, emergiram duas unidades de significado: queixas/problemas e frequência ao serviço de saúde.

Na unidade de significado, queixas relacionadas à saúde, cinco afirmaram ter hipertensão arterial, duas delas mencionaram artrose e duas já tiveram depressão. Outras doenças relatadas foram diabetes mellitus, bronquiolite, artrite, hérnia de hiato e no pescoço, lesão por esforços repetitivos, gastrite, doença do refluxo gastroesofágico, obesidade, dislipidemia, além de dores musculares. Algumas associaram o problema ao trabalho.

Tenho pressão alta, quando sinto dor a minha pressão sobre; às vezes tenho dores musculares, acho que é do trabalho. (Diarista 2)

Eu acho que a artrite e a artrose estão relacionadas com o trabalho, com certeza. (Diarista 4)

A bronquite eu associo ao trabalho[...]. (Diarista 6)

Em relação a periodicidade com que frequentam o serviço de saúde, a maioria relatou ir a cada seis meses a um ano para consultas de rotina ou quando precisam renovar receitas. Apenas uma relatou não ir à Unidade Básica de Saúde de rotina, procurando pronto atendimento quando tinha algum problema.

Vou a cada dois meses para renovar receitas, pegar remédios. E de rotina a cada um ano. (Diarista 1)

Quando tenho algum problema vou no 24h, não vou ao posto de saúde. (Diarista 2)

Outra questão abordada em relação à saúde das trabalhadoras, foi relacionada ao uso de medicamentos. Com base nas respostas, observa-se predomínio de medicações para dor. Dentre as entrevistadas, duas diaristas não fazem uso de medicação e as outras utilizam de acordo com os problemas de saúde relatados anteriormente. Notou-se, também, uma relação entre o uso de medicamentos de uso contínuo com a frequência com que vão ao serviço de saúde para renovação de receitas e buscar as medicações. Ainda, destaca-se uma alergia/intolerância em duas das trabalhadoras ao uso de água sanitária, uma substância utilizada com frequência para limpeza.

Tomo insulina, glibenclamida, glifage, omeprazol, clonazepam para dormir, captopril, sinvastatina, AAS e losartana. (Diarista 1).

Não, não uso qualquer medicamento de uso contínuo, só Neutrofer para anemia. (Diarista 3).

Estou tomando Rosuvastatina[...]vitamina D e Fixare que são outras vitaminas que a ginecologista passou depois da menopausa. (Mensalista).

Dorilax, Dorflex, novalgina [...] sou alérgica a algumas químicas como querosene, thinner, q-bona, me dá muita falta de ar, já cheguei a ir no hospital

por isso[...] tudo isso me dá muita falta de ar, até uso aquele negócio de fazer aspiração na boca quando eu vejo que vou ter alguma crise[...] tenho intolerância a novalgina[...] (Diarista 9)

3.2.3 Vínculo empregatício

No que se refere a esta categoria, apenas a mensalista tinha carteira assinada, as demais trabalhavam de modo informal. Ao serem questionadas sobre serem MEIs, muitas não sabiam do que se tratava, evidenciando um desconhecimento em relação a uma possível alternativa de benefício aos trabalhadores informais. Apenas uma diarista se declarou como MEI.

Não tenho carteira assinada, mas sou MEI e pago INSS. (Diarista)
Eu sou autônoma, não pago INSS, mas quero começar esse ano. Não sou MEI. (Diarista)
Tenho oito anos de carteira assinada só, hoje não mais. Não sei o que é MEI. Uma das minhas patroas paga o INSS de diarista pra mim, mas ficou uns tempos sem pagar. (Diarista)

4. DISCUSSÃO

Os resultados evidenciam que o trabalho doméstico é exercido predominantemente por mulheres, característica essa, não só do cenário brasileiro, mas mundial, ainda que um aumento discreto na participação masculina (2,1%) nessa atividade tenha sido relatado nos últimos nove anos (Dieese, 2023).

A etnia que se sobressai no trabalho doméstico no Brasil é a negra, herança do período escravocrata no país (Pinheiro *et al.*, 2021; Dieese, 2023). Segundo a pesquisa realizada pela Dieese (2023), que dividiu a etnia em negras (pretas + pardas) ou não negras (amarelas + brancas + indígenas), o primeiro grupo representou 67,3% da categoria. Na presente pesquisa, os pardos são a maioria nessa ocupação. Conforme aborda Carvalho e Gonçalves (2023), isso evidencia, então, o trabalho doméstico como um espaço de resistência negra, uma alternativa para independência financeira após abolição da escravidão.

No que se refere a idade, a média encontrada de 39,82 anos situa-se ligeiramente abaixo da encontrada no Brasil. Há uma tendência de envelhecimento do emprego doméstico de acordo com os dados nacionais em que se revela um aumento de profissionais na faixa etária de 40 a 59 anos e 60 anos ou mais e diminuição de pessoas mais novas empregadas nesse setor (Dieese, 2023; Monticelli e Fraga, 2023). Isso demonstra não só uma característica do envelhecimento populacional, resultando em profissionais de idade mais elevadas no mercado de trabalho em geral (Souza, Theodoro

e Gomes, 2022), mas também o aumento da escolaridade da população mais nova, possibilitando a ocupação de outras atividades laborais (Dieese, 2023). Ao mesmo tempo, verificando-se a participação de somente 5% entre aqueles de mais de 60 anos na presente pesquisa, há que se observar a possível menor adesão dessa faixa etária a instrumentos disponibilizadas on-line e por meio de redes sociais.

Quanto à escolaridade, verificando-se o predomínio de escolaridade inferior ao ensino médio incompleto, revela outra característica que é marcante da atividade nessa categoria de trabalho. Evidencia a alternativa encontrada por essas mulheres com baixo nível de instrução para ter alguma renda (Pinheiro *et al.*, 2021), uma vez que a falta de estudos é o principal motivo para a escolha e permanência na profissão.

Chama a atenção o fato de quase a metade dos participantes declararem receber menos de um salário mínimo, considerando o valor para 2022 de R\$1.212,00 reais (LEI Nº 14.358 de 2022). A renda menor que um salário mínimo é outra característica que se destaca como já evidenciado em pesquisas sobre trabalhadores domésticos (Pinheiro; Tokarski; Vasconcelos, 2021; Dieese, 2023), reforçando a subvalorização da atividade.

Tais achados e em concordância com Ferreira e Pompét (2019), a relação entre gênero, etnia, classe com as discrepâncias entre inserções no mercado de trabalho e nas oportunidades de escolarização, visto que mulheres negras não só são a maioria no trabalho doméstico, mas também são menos escolarizadas e possuem menor renda.

O predomínio de diaristas em relação às mensalistas verificada na presente pesquisa, evidencia uma tendência que já vinha sendo observada desde a década de 1990, bem como mudanças do perfil sociodemográfico e das configurações familiares (Pinheiro *et al.*, 2021).

Nesse sentido, convém citar a Lei Complementar nº 150 que igualou, ao menos teoricamente, o trabalho doméstico às demais categorias laborais ao conceder direitos como décimo terceiro, seguro desemprego, férias, horas extras para empregados domésticos, direitos estes não eram garantidos pela Constituição Brasileira de 1988. A sanção a lei foi um dos principais motivos para esse aumento na transição da empregada doméstica mensalista para diarista, visto que, assim, ao trabalharem apenas dois dias no mesmo lugar, não é preciso formalizar o trabalho o que, por sua vez, contribui para as altas taxas de informalização da profissão (Addait *et al.*, 2019).

Recorda-se que a taxa de informalidade encontrada na presente pesquisa foi de 66% e desconhecimento do MEI revelado nas falas das entrevistas. O fato, certamente,

favorece para a elevada proporção de não contribuição ao INSS. Esses dados, que são associados e característicos de longa data dessa categoria, reforçam, então, a vulnerabilidade e baixa proteção social associadas a essa atividade laboral mesmo com a conquista de seus direitos (Pinheiro; Tokarski; Vasconcelos, 2021).

Os estudos sobre a qualidade de vida dos trabalhadores domésticos ainda são escassos e incipientes. Esta pesquisa identificou que 59% dos participantes estavam muito satisfeitos com seu trabalho, apesar das muitas adversidades enfrentadas nessa atividade. Nos estudos de Emílio *et al.* (2020), foram utilizadas algumas questões do QWLQ-bref para avaliar os indicadores de bem estar e também encontraram altos níveis de satisfação entre trabalhadoras domésticas, especialmente as remuneradas.

As autoras sugerem que a satisfação pode ser devido às novas experiências, maior socialização e uma forma de escapar do confinamento doméstico proporcionadas pelo trabalho. No entanto, isso também pode sugerir uma resignação frente às condições impostas a mulheres, negras ou pardas, de baixa escolaridade, que têm poucas oportunidades no mercado de trabalho para garantir a sua sobrevivência e de seus dependentes (Dieese, 2023).

Neste estudo, ao analisar os domínios do QWLQ-bref, o domínio psicológico obteve a maior pontuação, enquanto o domínio físico/saúde teve a menor. A baixa pontuação no domínio físico/saúde pode ser atribuída à dupla jornada de trabalho das mulheres, que reduz o tempo para autocuidado e pode levar ao adoecimento, como apontam Pinheiros, Tokarski e Vasconcelos (2020). Além disso, essa sobrecarga pode também agravar doenças psíquicas, como a depressão, que foi mencionada por duas participantes das entrevistas na presente pesquisa.

Os resultados no domínio psicológico podem estar ligados a sentimentos de proximidade com as famílias para as quais trabalham, como expressado em declarações como "eu vou na casa de uma mulher que é igual minha mãe" e "eles acharam que era melhor por mim mesmo, pra poder chegar mais cedo em casa, ficar mais tempo com a minha família". Além disso, o fato de compartilhar refeições com as famílias ou escolher não o fazer, também influencia esses resultados. Quando as funções envolvem o cuidado de idosos ou crianças, observa-se uma relação afetiva mais forte entre empregador e empregado.

Entre as variáveis idade, renda e escolaridade, apenas a última apresentou uma correlação moderada e significativa com a qualidade de vida no trabalho, fato evidenciado

por Oliveira *et al.* (2022). Segundo esses autores, quanto maior a escolaridade, maior a qualidade de vida. A OMS (1995, pag.1405) define qualidade de vida como a percepção do indivíduo sobre sua posição na vida, considerando o contexto cultural e o sistema de valores em que está inserido, bem como seus objetivos, expectativas, padrões e preocupações.

O nível de escolaridade impacta diretamente na saúde, ao influenciar fatores psicossociais e comportamentais. Assim, à medida que o indivíduo adquire níveis mais elevados de instrução, ele adota hábitos de vida mais saudáveis, procura mais os serviços de saúde, se expõem menos a fatores de risco para doenças e se submetem menos a condições de trabalho inadequadas, resultando em uma melhor qualidade de vida (Oliveira *et al.*, 2022).

No contato com os trabalhadores domésticos para participação da pesquisa, observou-se que a função de diaristas são mais frequentes do que as mensalistas, de forma que somente uma delas é mensalista. A maioria das diaristas se dedicam à limpeza, embora lhes sejam atribuídas outras tarefas como cuidar de crianças e idoso, além de preparação de refeições. Atualmente, verifica-se o crescimento da demanda de trabalho doméstico de diarista contratadas para a limpeza de casas e preparação de comidas, além de cuidados com idosos, fato que se deve a entrada das mulheres no mercado de trabalho e ao envelhecimento populacional (Nogueira e Carvalho, 2021).

Além disso, após a sanção da Lei Complementar nº 150, notou-se um aumento das diaristas, em detrimento das mensalistas, favorecendo as altas taxas de informalidade e, com ela, a alta precariedade do trabalho doméstico, refletindo-se, inclusive, na remuneração como descrito anteriormente (Posthuma, 2022).

A precarização das condições laborais enfrentada pelas trabalhadoras domésticas tem impacto negativo sobre a saúde das mesmas (Dieese, 2023).

Os problemas de saúde relatados nesta pesquisa, corroboram com os estudos de Galon *et al.*, (2021), que mostram que trabalhadores domésticos têm maiores índices de sintomas respiratórios, doenças osteomusculares, internações hospitalares e maior incidência de acidentes de trabalho em comparação com mulheres que não trabalham na área de limpeza.

O contato com produtos químicos de limpeza e falta de habilidade no uso desses materiais por empregadas domésticas, contribuem na repercussão das condições de saúde (Galon *et al.*, 2021; Pinheiro *et al.*, 2021).

Destaca-se, ainda, a fragilização das condições de saúde vivenciadas por aquelas que trabalham na informalidade, uma vez que o direito à licença-saúde, segurança contra acidentes de trabalho e previdência social, entre outros benefícios e meios de proteção, são ausentes nessa situação (Galon *et al.*, 2021)

Nesse contexto, observa-se uma baixa procura por práticas preventivas de saúde, que podem contribuir ao desenvolvimento e agravamento de doenças crônicas e graves de saúde, tal como relatado por algumas entrevistadas, as quais só procuravam o serviço de saúde quando tinham algum problema.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa confirma as características sociodemográficas verificadas no país, onde a atividade é predominantemente desempenhada por mulheres, negras ou pardas e com baixa escolaridade, indicando que não se exige uma formação específica para exercê-la. É um trabalho exercido em casas, isoladas umas das outras, com acessos e contatos esparsos, o que contribui para a invisibilidade da categoria. No entanto, os trabalhadores domésticos demonstram formas de organização através de associações, sindicatos e grupos para garantir seus direitos, facilitando a realização deste estudo.

O estudo revelou que, apesar das diversas dificuldades vivenciadas pela categoria, a maioria dos trabalhadores se sentem muito satisfeitos em relação ao trabalho realizado, apesar da informalidade e a precarização denotada pela desproteção trabalhista. Isso indica que, a despeito do marco legal, as relações concretas de trabalho pouco mudaram. Essa satisfação contrasta com a baixa pontuação em termos de qualidade de vida atribuída ao domínio físico/saúde, refletindo as condições de trabalho e as características sociodemográficas, além da dupla jornada de trabalho, comum entre as trabalhadoras.

Uma limitação da presente pesquisa é a falta de investigação sobre a jornada de trabalho diária/semanal. Além disso, não foi abordado se os participantes possuíam uma "renda extra" proveniente de outras atividades laborais, como a venda de produtos, ou algum auxílio governamental que contribuísse para a subsistência e a renda per capita, o que ajudaria a avaliar melhor a situação de pobreza.

REFERÊNCIAS

ADDAIT, Laura *et al.* **Prestação de cuidados:** trabalho e profissões para o futuro do trabalho digno. Genebra: OIT, 2019. Disponível em: https://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/---europe/---ro-geneva/---ilo-lisbon/documents/publication/wcms_767811.pdf. Acesso em: 18 jul. 2025.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo.** São Paulo: Edições 70, 2016.

BRASIL. Lei n. 14.358, de 1º de junho de 2022. Dispõe sobre o valor do salário-mínimo a vigorar a partir de 1º de janeiro de 2022. **Diário Oficial da União:** seção 1, Brasília, DF, ano 160, n. 104, p. 1, 2 jun. 2022.

CAMARANO, Ana Amélia; PINHEIRO, Luana. **Cuidar, verbo transitivo:** caminhos para a provisão de cuidados no Brasil. Rio de Janeiro: Ipea, 2023. DOI: <http://dx.doi.org/10.38116/9786556350578>.

CARVALHO, Mônica Gurjão; GONÇALVES, Maria da Graça Marchina. Trabalho Doméstico Remunerado e Resistência: interseccionando raça, gênero e classe. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, DF, v. 43, p. 1-16, 2023. DOI: <https://doi.org/10.1590/1982-3703003249090>.

CHEREMETA, M. *et al.* Construção da versão abreviada do QWLQ-78: um instrumento de avaliação da qualidade de vida no trabalho. **Revista Brasileira de Qualidade de Vida**, [S. l.], v. 1, n. 3, p. 01-15, 2011. DOI: <http://dx.doi.org/10.3895/S2175-08582011000100001>.

DIEESE. Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos. **Trabalho Doméstico no Brasil.** [S. l.]: Dieese, 2021. Disponível em: <https://www.dieese.org.br/outraspublicacoes/2021/trabalhoDomestico.pdf>. Acesso em: 18 jul. 2025.

DIEESE. Departamento Intersindical de Estatística e de Estudos Socioeconômicos. **O trabalho doméstico 10 anos após a PEC das Domésticas.** [S. l.]: Dieese, abr. 2023. (Estudos e Pesquisas, n. 106). Disponível em: <https://www.dieese.org.br/estudosepesquisas/2023/estPesq106trabDomestico.pdf>. Acesso em: 18 jul. 2025.

EMÍLIO, Marina Mendonça *et al.* Perfil sociodemográfico, morbidades referidas, bem-estar e trabalho remunerado de mulheres: estudo populacional. **Revista Família, Ciclos de Vida e Saúde no Contexto Social**, Uberaba, v. 8, n. 2, p. 177, 3 mar. 2020. DOI: <https://doi.org/10.18554/refacs.v8i2.4521>.

FERREIRA, Maria Inês Caetano; POMPONET, André Silva. Escolaridade e trabalho. **Revista de Ciências Sociais**, Fortaleza, v. 50, n. 3, p. 267-300, 10 set. 2019. DOI: <http://dx.doi.org/10.36517/rcs.50.3.d09>.

FONTANELLA, Bruno José Barcellos. et al. Amostragem em pesquisas qualitativas: proposta de procedimento para constatar saturação teórica. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 2, p. 389-394, 2011.

GALON, Tanyse *et al.* CONDIÇÕES LABORAIS E IMPACTOS NA SAÚDE DE TRABALHADORAS DOMÉSTICAS REMUNERADAS: uma scoping review/ working conditions and health impacts of paid domestic workers. **Brazilian Journal of Development**, Curitiba, v. 7, n. 2, p. 15311-15334, 2021. DOI: <https://doi.org/10.34117/bjdv7n2-245>.

GUERRA, Maria de Fátima Lage; SANTOS, Lúcia Garcia dos; FUSARO, Edgard Rodrigues. Características demográficas e socioeconômicas das famílias contratantes de trabalho doméstico remunerado no Brasil. In: PINHEIRO, Luana; TOKARSKI, Carolina Pereira; POSTHUMA, Anne Caroline. **Entre relações de cuidado e vivências de vulnerabilidade**: dilemas e desafios para o trabalho doméstico e de cuidados remunerado no Brasil. Brasília, DF: IPEA; OIT, 2021. p. 1-246. Disponível em: https://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=38920&Itemid=466. Acesso em: 18 jul. 2025.

GUIMARÃES, Nadya Araújo; HIRATA, Helena Sumiko; SUGITA, Kurumi. Cuidado e Cuidadoras: o trabalho de care no Brasil, França e Japão. **Sociologia & Antropologia**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 151-180, jun. 2011. DOI: <https://doi.org/10.1590/2238-38752011v117>.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Síntese de indicadores sociais**: uma análise das condições de vida da população brasileira. Rio de Janeiro: IBGE, 2019a. (Estudos e Pesquisas. Informação Demográfica e Socioeconômica, n. 40).

MONTICELLI, Thays; FRAGA, Alexandre Barbosa. A Convenção n.189 da OIT: notas sobre o processo de ratificação no Brasil. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 37, n. 108, p. 73-88, maio 2023. DOI: <https://doi.org/10.1590/s0103-4014.2023.37108.005>.

NOGUEIRA, Mauro Oddo; CARVALHO, Sandro Sacchet. **Trabalho precário e informalidade**: desprecariando suas relações conceituais e esquemas analíticos. Brasília, DF: Ipea, 2021. (Texto para Discussão, n. 2707). DOI: <http://dx.doi.org/10.38116/td2707>.

OLIVEIRA, Priscila Santos *et al.* Correlation between Quality-of-Life and the Educational Level of the Population of Maringá/PR. **O Mundo da Saúde**, São Paulo, v. 46, p. 240-246, 1 jan. 2022. Disponível em: <https://revistamundodasaude.emnuvens.com.br/mundodasaude/article/view/1377>. Acesso em: 18 jul. 2025.

OMS. **The World Health Organization Quality of Life Assessment (WHOQOL)**: position paper from the World Health Organization. **Social Science and Medicine**, [S. l.], v. 41, n. 10, p. 1403-1409, 1995.

PINHEIRO, Luana; TOKARSKI, Carolina; VASCONCELOS, Marcia. Vulnerabilidades das trabalhadoras domésticas no contexto da pandemia de Covid-19 no Brasil. In: PINHEIRO, Luana; TOKARSKI, Carolina Pereira; POSTHUMA, Anne Caroline. **Entre relações de cuidado e vivências de vulnerabilidade**: dilemas e desafios para o trabalho doméstico e de cuidados remunerado no Brasil. Brasília, DF: Ipea; OIT, 2021. p. 191-220. Disponível em: https://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=38920&Itemid=466. Acesso em: 18 jul. 2025.

PINHEIRO, Luana *et al.* Os desafios do passado no trabalho doméstico do século XXI: reflexões para o caso brasileiro a partir dos dados da PNAD contínua. In: PINHEIRO, Luana; TOKARSKI, Carolina Pereira; POSTHUMA, Anne Caroline. **Entre relações de cuidado e vivências de vulnerabilidade**: dilemas e desafios para o trabalho doméstico e de cuidados remunerado no Brasil. Brasília, DF: Ipea; OIT, 2021. p. 67-104.

PORTO, D. Trabalho doméstico e emprego doméstico: atribuições de gênero marcadas pela desigualdade. **Revista Bioética**, Brasília, DF, v. 16, n. 2, p. 287-303, 2008.

POSTHUMA, Anne Caroline. A economia de cuidado e o vínculo com o trabalho doméstico: o que as tendências e políticas na América Latina podem ensinar ao Brasil. In: PINHEIRO, Luana; TOKARSKI, Carolina Pereira; POSTHUMA, Anne Caroline. **Entre relações de cuidado e vivências de vulnerabilidade**: dilemas e desafios para o trabalho doméstico e de cuidados remunerado no Brasil. Brasília, DF: Ipea; OIT, 2021. p. 25-46.

SAMPIERI, Roberto Hernández; COLLADO, Carlos Fernández; LUCIO, Pilar Baptista. **Metodología de la investigación**. 4. ed. Ciudad de México: McGraw-Hill, 2010.

SOUZA, Solange de Cassia Inforzato de; THEODORO, Higor Henrique Paulo; GOMES, Magno Rogério. EFEITO DO ENVELHECIMENTO POPULACIONAL SOBRE O MERCADO DE TRABALHO NO BRASIL. **Revista Paranaense de Desenvolvimento – RPD**, Curitiba, v. 42, n. 141, 2022. Disponível em: <https://ipardes.emnuvens.com.br/revistaparanaense/article/view/1203>. Acesso em: 18 jul. 2025.

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

Letícia de Almeida: Conceituação, Metodologia, Coleta de dados, Análise formal, Redação – Rascunho Original, Redação – Revisão e Edição.

Simone Rodrigues Milani: Redação – Rascunho Original, Redação – Rascunho Original, Redação – Revisão e Edição.

Marcos Aurelio Brambilla: Conceituação, Metodologia, Análise formal, Redação – Rascunho Original, Redação – Revisão e Edição.

Lucas França Garcia: Conceituação, Metodologia, Análise formal, Redação – Rascunho Original, Redação – Revisão e Edição.

Ely Mitie Massuda: Conceituação, Metodologia, Análise formal, Redação – Rascunho Original, Redação – Revisão e Edição.